



abralic  
experiências literárias textualidades contemporâneas

## O PAPEL FORMATIVO DA LITERATURA E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NOS UNIVERSOS VIRTUAIS CONTEMPORÂNEOS

Hudson dos Santos Barros (FAETERJ)

**RESUMO:** As ferramentas digitais contemporâneas viabilizadas pela expansão e aprimoramento da internet têm transformado significativamente as formas de acesso e apreensão do conhecimento, as práticas de leitura e escrita, bem como os padrões cognitivos e comportamentais individuais e coletivos. (CHARTIER, 2002; CASTELLS, 2013). Tais mudanças, no entanto, trouxeram ao mundo digital a inevitável imperatividade do debate acerca das perdas ocasionadas pelas tecnologias de rede. Isso porque, além das conhecidas conquistas, o mundo digital contemporâneo tem afetado vertiginosamente a capacidade de elaboração do pensamento reflexivo e, conseqüentemente, a construção de conceitos e visões de mundo (CARR, 2011). Se por um lado as novas tecnologias de rede promovem um espaço de múltiplas possibilidades criativas e de compartilhamento, por outro, reverberam indícios de relevantes contradições que precisam ser amplamente debatidas: isso porque as novas práticas de leitura e escrita são também portadoras da superficialidade, da dispersão, da imposição e do isolamento. Diante dessas instigantes mutações, o texto literário pode se tornar um eficaz instrumento de enfrentamento dos crescentes ocassos intelectuais continuamente suscitados pelo universo digital. O aspecto multidisciplinar da literatura em conjunto com sua estética discursiva, seja na forma impressa ou virtual, possibilitam a construção de novos saberes e práticas geradores de autonomia e renovação epistemológica (MCLUHAN, 1964; TODOROV, 2009). Tendo em vista tais pressupostos, este trabalho objetiva trazer à baila recentes aportes teóricos a respeito das novas transformações na leitura e escrita promovidas pela revolução digital, principalmente pelo uso da internet. Em seguida, será abordada a relação entre literatura, leitura, escrita e formação intelectual frente aos desafios da rede e do mundo digital.

Palavras-chave: Tecnologia. Rede. Literatura. Formação. Leitura. Escrita.

### Introdução

Estudos teóricos a respeito da leitura no mundo digital têm despertado pesquisadores de inúmeras áreas a respeito das novas potencialidades da leitura e da escrita nos novos suportes eletrônicos e nas múltiplas tecnologias de rede. Conceitos como multimodalidade (KRESS, 2000; MARTINS; MACHADO, 2011) e

hipertextualidade (SNYDER, 1996) têm sido frequentemente debatidos nas últimas décadas, com foco nos efeitos, coerções e contradições do mundo virtual e da textualidade eletrônica na formação de novas práticas de leitura. Imerso em um mundo altamente conectado a imagens, sons e múltiplas manifestações da escrita, o leitor tem seus hábitos cotidianos e modos de leitura significativamente alterados, enfrentando um processo ressignificação tanto do sentido do texto quanto de si próprio. As novas ferramentas eletrônicas oferecem agilidade, simultaneidade e versatilidade em espaços virtuais onde o significado, a apreensão e a produção do texto são ao mesmo tempo ampliados e mutilados. O hipertexto, por exemplo, traz simultaneamente a ideia de ligação exploradora e caos labiríntico; na cadeia não linear de possibilidades por ele oferecida, o leitor pode facilmente perder o foco e sua energia reflexiva, transformando sua pretensa autonomia em dispersão e superficialidade.

Não há dúvidas que os atuais suportes de leitura, com seus softwares e conectividade, viabilizam novos modos de enriquecimento da leitura, da escrita e da construção do conhecimento. Um tablet, um notebook ou um smartphone abrem diversas possibilidades epistemológicas a seu usuário, não apenas pela quantidade de informação que disponibiliza, mas também pela qualidade de recursos que oferece para uma melhor apreensão sensorial e cognitiva dos textos lidos. Com os dispositivos digitais, é possível, por exemplo, ampliar o tamanho do texto na tela, localizar partes específicas com alguns cliques, buscar imediatamente o significado de vocábulos desconhecidos, traduzir palavras estrangeiras, pesquisar dados, fotos ou vídeos de personagens ou lugares citados, entrar em contato com outros leitores para troca de comentários ou dúvidas, enfim, dezenas de ações que tornam o processo de leitura mais ativo, enriquecedor e até divertido. Processo pelo qual leitura e escrita se tornam ainda mais interligados, visto que são partes de um amplo processo de movimentos resultantes da busca e interatividade.

Deve-se, contudo, chamar atenção ao fato de que a simples disponibilidade de uma tecnologia não a avaliza para a realização de transformações qualitativas de larga escala. Tampouco seu uso constante aprimora necessariamente habilidades cognitivas esperadas, como, por exemplo, o caso da leitura acima citado: o fato de haver recursos tecnológicos para o aperfeiçoamento da leitura não implica uma imediata mutação qualitativa desta. São contundentes as inúmeras pesquisas e debates acerca dos desafios e contradições da leitura no mundo digital (LÉVY, 1996, CHARTIER, 2002, ZILBERMAN; LAJOLO, 2009, ECO, 2010, CARR, 2011; CASTELLS, 2013), estudos

esses que despertam instigantes considerações acerca da força de atuação do universo tecnológico na cognição humana e sobre as contradições engendradas por esse universo.

Diante dessas transformações, a literatura pode desempenhar um importante papel formativo capaz de ampliar tanto habilidades de leitura e escrita quanto a capacidade de compreensão da experiência humana. No universo virtual, onde frequentemente testemunha-se a superficialidade, a fragmentação alienada do saber e a fluidez irrefletida de atos e pensamentos, a literatura pode atuar como um poderoso instrumento de construção de subjetividade, sendo capaz de instaurar percepções mais profundas sobre a realidade em geral e, principalmente, a respeito dos novos sentidos protagonizados pelas atuais tensões trazidas pelas tecnologias de rede.

É baseando-se nessas premissas que este trabalho será desenvolvido, tendo como foco a relação entre leitura, escrita e interatividade como elementos essenciais de potencialização do processo formativo viabilizado pela experiência literária no mundo digital. Objetiva-se discutir aqui o valor da literatura na promoção de novas formas de sociabilidade e da sociabilidade como meio de progredimento das habilidades de leitura e cognição e de estímulo para o (re)conhecimento do literário. Será apontada neste estudo a intrínseca interdependência entre a leitura e a escrita no desenvolvimento do pensamento reflexivo e da própria subjetividade a partir da literatura, bem como as contradições presentes no uso das tecnologias de rede, caracterizado tanto superficialidade quanto por interações que viabilizam o enriquecimento das práticas de leitura.

### **As imposições do universo virtual e as possíveis contribuições da literatura**

A ideia de superficialidade na leitura em rede tem sido amplamente focalizada por Carr (2011), cujos estudos e argumentos demonstram uma intensa influência da internet nos hábitos mentais de seus usuários, provocando principalmente radicais alterações nas formas de apreensão e divulgação da informação. Carr reconhece as imprescindíveis conquistas trazidas pelas tecnologias de rede, assim como uma irreversível dependência da internet no mundo contemporâneo. O autor, no entanto, ressalta que a poderosa força de atuação da rede tem um preço: a imposição de modos leituras que não favorecem a reflexão e a elaboração de conceitos mais complexos. Carr argumenta que o aumento das horas on-line tem impactado extensamente a capacidade de concentração em leituras de textos maiores que exigem maior articulação dialógica

entre conteúdos. A não linearidade e a rapidez, mais do que uma nova forma de ler, seriam também indícios de perdas ocasionadas pela rede, transformações essas causadoras de novos padrões de pensamento e ações que favorecem a superficialidade.

Essa discussão sobre os efeitos negativos da tecnologia já havia sido explorada pelo filósofo canadense Marshall McLuhan na década de 1960, tendo encontrado repercussão em recentes estudos de outros pensadores (LÉVY, 1996; CHARTIER, 2002, ECO, 2010, CASTELLS, 2013). McLuhan compreendia a tecnologia como uma extensão do ser humano, capaz de provocar essenciais mudanças nos sentidos e nas estruturas mentais de percepção. O autor denuncia em sua obra o perigo de entorpecimento mental ocasionado pelo uso da tecnologia, assim como a aceitação dócil de imposições que tornam o ser humano altamente dependentes e condicionados: “Incorporando continuamente tecnologias, relacionamo-nos a elas como servomecanismos.” (MCLUHAN, 1964, p. 64). Ao apresentar sua proposta de definição do virtual e de reflexão sobre inserção deste nas práticas sociais, Lévy (1996) explica que a virtualização não ocasiona transformações apenas na comunicação e na informação; ela afetaria amplamente os corpos, a econômico, a sensibilidade e o exercício da inteligência. O pensador enfatiza o poder desestabilizador da revolução virtual, capaz de provocar um vertiginoso movimento de heterogênesse nos modos de ser, principalmente nas modalidades comportamentais coletivas. Se de um lado o virtual potencializa fecundos processos de criação e compartilhamento integrativo, por outro, instaura novas mutações de identidade que precisam ser amplamente analisadas, sob a pena de se perder o entendimento dos inovadores destinos das novas subjetividades reorganizadas pelas inovações do mundo digital.

No campo da leitura ou da história da leitura, Chartier (2002) apresenta uma intrigante imagem da “morte do leitor” ao discutir as novas modalidades de inscrição e transmissão de textos advindos da revolução ocasionada pelo nascimento e uso do livro eletrônico. O historiador questiona a capacidade do livro eletrônico em produzir imediatamente novos leitores, argumentando que historicamente as revoluções das técnicas não implicam uma rápida mutação na ordem das práticas. Embora utilize essa imagem da “morte do leitor”, o pesquisador não possui uma visão catastrofista sobre o fim do livro impresso ou sobre uma redefinição pessimista das futuras práticas de leitura. Suas reflexões alertam, contudo, ao fato de que as inovadoras modalidades tecnológicas de constituição e comunicação do conhecimento podem facilitar a

acomodação intelectual ou a dispersão interpretativa, afetando negativamente construção e a preservação de saberes:

Assim como a presença da internet em cada escola não faz desaparecer por si mesma as dificuldades cognitivas do processo de entrada do escrito (cf. Ferreiro, 2001, p. 19), também a comunicação eletrônica não transmite por si mesma o saber necessário à sua compreensão e utilização. Pelo contrário, o leitor-navegador do digital corre o grande risco de perder-se totalmente em arquipélagos textuais. (CHARTIER, p. 120-121).

Constatação parecida com a de Eco (2010) ao alertar sobre a importância da escolha crítica de conteúdos confiáveis na internet, habilidade essa que depende tanto da qualidade de leitura quanto de conhecimentos adquiridos durante a vida. Para Chartier, é fundamental compreender as contradições presentes nas novas práticas de leitura, bem como as novas condições impostas pela textualidade eletrônica, uma vez que as múltiplas mudanças das técnicas convocam questões essenciais sobre as mutações da sociedade e do papel do saber nas redefinições culturais da realidade.

Como resposta aos impactos negativos da tecnologia no ser humano, Mcluhan já expressava uma interessante posição a respeito da relação entre arte e consciência social: “Nenhuma sociedade teve um conhecimento suficiente de suas ações a ponto de poder desenvolver uma imunidade contra suas novas extensões ou tecnologias. Hoje começamos a perceber que a arte pode ser capaz de prover uma tal imunidade.” (MCLUHAN, 1964, p. 84). Para Mcluhan, o artista é indispensável para o entendimento da vida das formas e das estruturas criadas pela tecnologia elétrica; o artista seria um indivíduo adiante de seu tempo, capaz de captar antecipadamente os impactos culturais da tecnologia e, assim, neutralizar a “violência” desta com plena consciência. Seria um indivíduo de “consciência integral” cuja obra interviria a favor da sociedade e da sobrevivência desta, revelando e corrigindo ações e conhecimentos de seu tempo. Portanto, para Mcluhan, a arte, em especial a literatura, mais do que entretenimento ou distração, é um instrumento de libertação das consequências psicológicas e sociais de uma nova tecnologia, capaz de agir como resposta profética ou conscientizadora das perdas provocadas pelo tecnológico nos sentidos humanos:

Tenho curiosidade em saber o que aconteceria se, de repente, a arte começasse a ser vista tal como é, ou seja, informação exata para reordenação das mentes, no sentido de antecipar o próximo golpe que

nos será vibrado pelas nossas faculdades projetadas para fora.  
(MCLUCHAN, 1968, p. 86)

O valor do literário como ferramenta de compreensão crítica da realidade foi recentemente discutido por Todorov (2009), que defende veementemente uma indiscutível e forte relação entre literatura e mundo, o que possibilitaria à literatura um papel essencial como presença catalizadora de revelação do mundo e do próprio humano. Para Todorov, a literatura permite ao leitor maior entendimento da condição humana no contato com o diverso; permite, ao mesmo tempo, a ampliação do conhecimento do mundo psíquico e social e o contato com uma experiência transfiguradora de sentidos à vida. Na visão do pensador, o literário viabiliza a descoberta de si pela alteridade, instituindo novos modos de ser a partir da intensificação de novos vínculos da consciência, a partir de um inesgotável diálogo capaz de integrar novas verdades partilhadas por outros seres humanos.

A respeito das citadas posições a respeito do papel formativo da literatura, cabe questionar que, assim como as novas tecnologias por si não realizam necessariamente mudanças positivas de amplo escopo, a leitura de um texto literário também não é sempre transformadora. Hoje, o acesso a textos literários é indubitavelmente maior do que há dez anos. Isso não significa, contudo, que se lê literatura (clássica ou não) de forma mais profunda, como desejaria Mcluhan ou Todorov. Atualmente, os dispositivos digitais viabilizam múltiplas formas de vivência da experiência literária pelo hipertexto, pela multimodalidade e pela interatividade; ainda sim, há um significativo afastamento de modos de leitura mais atentos e associativos, mesmo em textos literários. Surge então a pergunta: o que pode a literatura?

### **Considerações finais**

A pergunta “O que pode a literatura?” é o título do penúltimo capítulo do livro de Todorov, *A literatura em perigo*, e serve como ponto inicial para a presente discussão propositiva acerca do papel formativo do literário diante das múltiplas contradições impostas pelo ininterrupto avanço das novas tecnologias do universo virtual. Trazer essa pergunta à baila a partir das contribuições de Todorov, no contexto de discussão das atuais transformações da leitura e da escrita no mundo digital, proporciona uma relevante possibilidade de reflexão a acerca da relação entre literatura e

interatividade. Para Todorov (2009, p. 76), a literatura aproxima os seres humanos uns dos outros, sendo capaz de provocar, a partir dessa aproximação, uma rica transformação interior construtora de horizontes mais amplos no pensar e no sentir: “Pensar e sentir adotando o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou personagens literários, é o único meio de tender à universalidade e nos permite cumprir nossa vocação.” (TODOROV, 2009, p. 82). No contexto das novas tecnologias de rede, essa possibilidade do texto literário pode ser também uma nova forma de aproximação ou reaproximação do leitor de suas habilidades de leitura contemplativa e de construção autônoma do pensamento reflexivo.

Os dispositivos digitais e a internet podem realmente enriquecer a leitura e servir de estímulo para instigantes aventuras epistemológicas. O mesmo pode ser dito em relação à literatura: na rede, são incontáveis as formas de busca, contato, produção e compartilhamento que permitem ao leitor uma vívida experiência de leitura e escrita do literário. No entanto, é importante ressaltar que a potencialização protagonizada pelos dispositivos digitais e pela internet estão associadas, principalmente a uma ativa participação humana nesse processo. Por esse motivo, que aceitação da ideia do papel formativo/transformador da literatura implica necessariamente a aceitação da importância da interação humana nesse processo. No caso das tecnologias de rede, a palavra-chave é interatividade.

No que se refere à literatura, a interatividade aqui valorizada não é aquela restrita às rápidas e superficiais ações de compartilhamento. Na rede, a leitura do texto literário pode se tornar um acontecimento, um projeto interpessoal de ricas trocas de experiência de leitura e criatividade. Mais do que possuir amplo acesso a textos ou novas ferramentas de leitura, é imprescindível ter pessoas interagindo para a construção conjunta de sentidos a partir da literatura. Pessoas que tornem a leitura do outro um desafio de novas percepções, que provoquem estímulos e despertem novas estratégias de interpretação. Conforme defende Chartier, a leitura não precisa ser apenas uma prática silenciosa e solitária: ela pode ser um modo de “multiplicar as ocasiões e as formas de tomar a palavra ao redor do patrimônio escrito e da criação intelectual e estética.” (CHARTIER, 2002, p. 121) Vale mencionar aqui também as considerações de Lévy (1996), que ressalta a indispensável participação da subjetividade humana nos movimentos de indeterminação e precisão de sentido na virtualidade. O pensador destaca também o valor do coletivo no desenvolvimento de conhecimentos, valores e ferramentas transmitidos culturalmente; para Lévy, a comunicação assistida pelo

computador, mediada pelas redes digitais, constituem novas formas de inteligência coletiva fundadas na reciprocidade e no respeito das singularidades.

Uma possível resposta aos desafios suscitados pelas práticas de leitura superficiais e fragmentadas é o uso das tecnologias digitais para promover uma sociabilidade a partir da literatura. Hoje, é possível trocar pensamentos ou tirar dúvidas sobre um livro em chats, fóruns ou clubes de leitura on-line; pode-se participar de palestras ou debates por meio de aplicativos ou programas específicos, visualizando e interagindo com os participantes ao vivo; a partir da leitura de um determinado gênero literário, pode-se, por intermédio de sites e aplicativos, criar versões alternativas de um enredo, sequências ou paródias; é possível também, pelas redes sociais, criar grupos de compartilhamento de livros e construção conjunta de resenhas com objetivo de agregar mais leitores interessados em determinados temas. Enfim, por meios e participantes diversos, a leitura do texto literário, sendo ele canônico ou não, se tornaria de fato uma experiência de descoberta do outro, promovendo a reorganização de representações, estruturas cognitivas e emoções. Seria por intermédio de uma rica interatividade produtiva que a literatura se tornaria uma eficaz ferramenta de promoção do pensamento reflexivo e de uma fundamentada autonomia crítica e criativa.

É preciso chamar atenção ao fato de que a interação dinamizada pelas tecnologias de rede envolve tanto a leitura quanto a escrita. As ações mediadas por essas ferramentas tornam as duas habilidades ainda mais interdependentes e abrem espaço a uma profícua reciprocidade de ampla influência qualitativa. Ou seja, tanto a leitura pode aprimorar habilidades de produção escrita, quanto a escrita pode contribuir para o aperfeiçoamento de práticas de interpretação contemplativa. É por isso que uma discussão a respeito das possibilidades estratégicas de desenvolvimento das habilidades de leitura pela interatividade precisa abranger também reflexões sobre o papel da produção escrita na construção do sentido. Esta não é apenas um adendo, um anexo parcialmente conveniente da atividade interpretativa: na sociabilidade reverberada pela rede, as práticas de escrita são também pilares essenciais de estruturação do pensamento e de desenvolvimento cognitivo. São essas práticas que mobilizam os sentidos do literário, assim como viabilizam a consolidação mnemônica da experiência de leitura e o exercício da criatividade e das associações intertextuais.

Portanto, interatividade, leitura e escrita são quase inseparáveis no universo virtual. Diante desse fato, um processo formativo tendo a literatura como eixo propulsor deve considerar as possíveis formas de integração desses três elementos. Ainda, torna-se

fundamental localizar, criar ou reinventar agentes integradores ou facilitadores capazes de que incitar e mediar a sociabilidade e a reflexão a partir do texto literário. Agentes com a capacidade de reunir o diverso, o distante e disperso, suscitando interações promotoras de contínuos compartilhamentos de conceitos, sentimentos, experiências e informações que permitam paralelamente uma autoavaliação das práticas de leitura e escrita.

Finalmente, cabe enfatizar ainda que as propostas aqui apresentadas sobre o papel formativo da literatura e sua relação com a interatividade não estão circunscritas à textualidade eletrônica: a mediação formativa impulsionada pelas tecnologias de rede não deve prescindir do uso das publicações impressas, que possuem um importante valor sociocultural que não pode ser ignorado. O mundo digital e as tecnologias de rede podem ser promotores de uma permanente e rica convivência entre as duas textualidades, visto que cada uma tem sua forma de contribuição para o aprimoramento das habilidades de leitura e escrita. O que importa de fato é o encontro (real ou virtual), o desvelamento e o interesse pela vida presente nos livros, principalmente fora deles.

## Referências

BARROS, Hudson dos Santos. As transformações nas práticas de leitura e as tecnologias de rede. In: GEMINO, Rita de Cássia da Silva; BARROS, Hudson dos Santos. *Revista Casa de Machado: língua, literatura e outras linguagens*. Rio de Janeiro: AEMA, 2014.

CARR, Nicholas. *A geração superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros*. Trad. Mônica Gagliotti Fortunato Friaça. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CASSANY, Daniel; ALLUÉ, Consuelo. Leitura e literatura na era da internet. Disponível em: <<http://loja.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/8080/leitura-e-literatura-na-era-da-internet.aspx>>. Acesso em: 11 de jun 2016.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. Fúvia M. L. Loretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

ECO, Humberto. Eletrônicos duram 10 anos, livros, 5 séculos (entrevista a Ubiratan Brasil). O Estado de São Paulo, 13 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/>>. Acesso em: 10 de maio 2014.

FRAISSE, Emmanuel. Internet e Literatura. Trad. Rita Cristina Lima Lages e Silva. In: MARTINS, Aracy Alves et. al (org.). *Livros & Telas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 60-74.

KRESS, Gunther. Multimodality. In: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (ed.) *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos*. São Paulo: Ática, 2009.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARTINS, Aracy Alves & MACHADO, Maria Zélia Versani. A literatura e a versatilidade dos leitores. In: MARTINS, Aracy Alves et. al (org.). *Livros & Telas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 27-43.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatário. São Paulo: Cultrix, s.d.

SNYDER, Ilana. *Hypertext: the electronic labyrinth*. New York: New York University Press, 1996.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. 3. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.